

DOI: 10.24024/23579897v34n2a2025p870103

**Primeira infância e a pandemia de Covid-19:
reflexões sobre os possíveis impactos no desenvolvimento social e subjetivo de crianças
entre 0 e 4 anos de idade**

*First childhood and the covid-19 pandemic:
reflections of the possible impacts on the social and subjective development of children
between the age of 0 and 4 years old*

Jéssica Caroline Silva TENÓRIO¹.
José Heitor Interaminense SILVA²;
Mylena Coimbra MELO³;
Ahile Maria de Castro Lyra RAMOS⁴;

Resumo: A pandemia de COVID-19 trouxe mudanças significativas às rotinas e aos modos de vida das pessoas em diferentes faixas etárias e, com as crianças, não foi diferente. Investigar os impactos sociais e subjetivos vivenciados por crianças de 0 a 4 anos de idade na perspectiva de pais e familiares, por meio de um questionário on-line, permitiu identificar que o distanciamento social, embora tenha favorecido o convívio com membros mais próximos da família, também contribuiu para o aumento da dependência das crianças em relação aos pais, bem como para um incremento nos índices de agressividade. Constatou-se que as consequências do isolamento social afetaram de forma significativa desenvolvimento infantil, com impactos negativos na socialização, nos níveis de agressividade, nos padrões de ansiedade e em mudanças cognitivas e comportamentais avaliadas a partir do olhar dos responsáveis entrevistados. Estima-se que a mudança da rotina tenha gerado impactos negativos ainda mais expressivos nos padrões de sono e alimentação, com taxas de alteração de 85% e 100%, respectivamente. Para o desenvolvimento desta pesquisa foi utilizada a abordagem qualitativa, com recorte transversal, tendo como participantes responsáveis por crianças de 0 a 4 anos de idade residentes no estado de Pernambuco. A pesquisa foi realizada no ciberespaço e, como estratégia de coleta de dados, aplicou-se um questionário elaborado e disponibilizado por meio da plataforma *Google Forms*.

Palavras-chave: Criança; Desenvolvimento infantil; COVID-19.

Abstract: The COVID-19 pandemic brought significant changes to the routines and ways of life of people of all ages and, and young children were no exception. This study examined the social and

¹ Mestre em Psicologia; docente do curso de Psicologia UNIFG. E-mail: jessicac.tenorio@gmail.com.

² Estudante de graduação do curso de Psicologia UNIFG. E-mail: heitorint@outlook.com.

³ Estudante de graduação do curso de Psicologia UNIFG. E-mail: mylenacoimbramt@outlook.com.

⁴ Estudante de graduação do curso de Psicologia UNIFG. E-mail: ahile.lr@gmail.com.

DOI: 10.24024/23579897v34n2a2025p870103

subjective impacts experienced by children aged 0 to 4 years from the perspective of parents and family members, using an online questionnaire. The findings indicate that social distancing, while fostering greater contact with close family members, also contributed to increased dependence of children on their parents, as well as a rise in aggressive behaviors. The consequences of social isolation were found to significantly affect children's development, with negative impacts on socialization, levels of aggression, anxiety patterns and cognitive and behavioral changes, as reported by the guardians interviewed. It is estimated that changes in daily routines had even greater effects on sleep and eating patterns, affecting 85% and 100% of children, respectively. The study adopted a qualitative, cross-sectional design, with participants being care-givers of children aged 0 to 4 years living in the state of Pernambuco. Data were collected online and the research was carried out in cyberspace through a questionnaire developed and administrated via Google Forms.

Key words: Child; Child development; COVID-19.

1 Introdução

O primeiro caso de SARS-CoV2, foi identificado em dezembro de 2019, na China (Organização Mundial da Saúde, 2021). Poucos meses depois, em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) classificou o surto da doença como pandemia, período em que foi confirmada a primeira morte em território brasileiro. Com a implementação de procedimentos para evitar a disseminação do novo Corona vírus, diversas instituições foram fechadas, incluindo creches e escolas (Governo do Brasil, 2020).

Ao considerar as crianças que tiveram seu desenvolvimento inicial impactado pela pandemia, destaca-se que, segundo Linhares e Enumo (2020), crianças de até três anos podem ser afetadas ao perceber e observar o estresse e a forma como os adultos ao redor lidam com a situação; já as de três a quatro anos possuem uma percepção mais imediata dos acontecimentos, com comprometimento de suas experiências físicas e sociais em decorrência da modificação abrupta da rotina.

Essa reflexão torna-se ainda mais relevante ao enfatizar que os primeiros anos de vida são essenciais para o desenvolvimento, pois é nesse período que a plasticidade cerebral está em pleno funcionamento, com conexões neuronais ocorrendo de maneira rápida, especialmente quando associadas a estímulos e interação (Imran, Zeshan, Pervaiz, 2020).

Dessa forma, objetivou-se analisar, a partir do discurso dos familiares, o desenvolvimento de crianças de 0 a 4 anos inseridas no contexto familiar durante o período de maior distanciamento social, característico dos protocolos de segurança adotados na pandemia de COVID-19. Considerou-se, ainda, a observação de possíveis indicadores de ansiedade e agressividade associados à vivência da pandemia pelas crianças, tendo em vista que esses sintomas e comportamentos constituem fatores preponderantes na análise e avaliação de dificuldades contextuais vivenciadas por crianças e adolescentes (DSM-IV, 2002; Fonseca e Martins, 2023).

Nesse sentido entende-se que propor uma pesquisa acerca do desenvolvimento infantil e da subjetividade em um momento de tamanho impacto histórico-social é tornar possível, por meio da produção científica, a intervenção precoce tanto no contexto social quanto no âmbito individual.

2 Desenvolvimento

É por meio do processo de socialização que a criança aprende as regras básicas da sociedade e desenvolve compreensões sobre moral e comportamentos grupais na cultura em que está inserida. Vygotsky (2001) afirma que, na escola e na creche, a criança encontra ambientes potencialmente estimulantes ao aprendizado, sendo esses locais propícios ao desenvolvimento do que o autor denominou zona de desenvolvimento proximal. Embora a criança siga em constante desenvolvimento também em outros contextos, o contato com seus pares e com pessoas que vivenciam momentos cognitivos semelhantes pode configurar um importante fator para a aquisição de novas aptidões.

Com base no que preconiza o Estatuto da Criança e do adolescente (ECA), considera-se criança o indivíduo com até doze anos incompletos. Desse modo, as pessoas mencionadas nesta pesquisa, com faixa etária entre 0 e 4 anos, são definidas, de acordo com a Lei 8.069/1.990, como crianças que têm garantidos seus direitos à vida e à liberdade, devendo ser respeitadas com dignidade, desfrutando da convivência familiar e comunitária, e tendo assegurado o acesso à tutela e à adoção (Brasil, 2002).

O conceito de criança é compreendido em uma perspectiva multidisciplinar que abrange aspectos biológicos, psicológicos, sociais e culturais. Nesse período, ocorre intenso desenvolvimento em diversas áreas, como motricidade, cognição, linguagem, emoções e

relações sociais — sendo que, na primeira infância, essas aquisições se dão em ritmo essencialmente acelerado. No campo psicológico, destaca-se a formação de laços afetivos, sobretudo com pais ou cuidadores, bem como a construção das primeiras representações mentais sobre o mundo. No aspecto cognitivo, a primeira infância é marcada pelo desenvolvimento inicial da linguagem, da percepção e da compreensão de causa e efeito (c.f. Newcombe, 1999; Bowlby, 1989; Davis e Wallbridge, 1982).

Segundo Papalia e Feldman (2013), bebês e crianças nos anos iniciais costumam demonstrar interesse por pessoas fora do círculo familiar, especialmente quando têm tamanho semelhante ao seu. Esse interesse aumenta por volta de um ano e meio até três anos de idade, quando passam a buscar compreender cada vez mais o que as outras crianças fazem e como se relacionar com elas. Desde o período fetal até a vida adulta, o cérebro encontra-se em constante desenvolvimento, “um processo que vai desde a concepção, envolvendo vários aspectos, indo desde o crescimento físico, passando pela maturação neurológica, comportamental, cognitiva, social e afetiva da criança” (Organização Pan-Americana de Saúde, 2005).

Esse ciclo de desenvolvimento coincide como período em que as crianças são, em geral, matriculadas em creches ou escolas, passando a conviver diariamente com outras crianças e a estabelecer vínculos sociais. No caso de bebês, por exemplo, o contato com outras crianças pode favorecer o desenvolvimento da sociabilidade, em comparação àqueles que costumam permanecer em casa. Os primeiros anos de vida são fundamentais para o desenvolvimento infantil, pois é nesse período que ocorre uma rápida evolução do cérebro, especialmente quando associada a estímulos e interação.

O desenvolvimento infantil pode ser compreendido, em suma, como o conjunto de experiências por meio das quais a criança adquire e aprimora diversas habilidades nos domínios cognitivo, motor, emocional e social. Trata-se de uma “mudança ao longo do tempo — na estrutura, no pensamento ou no comportamento de um indivíduo que se instala a partir de influências biológicas e ambientais” (Betzen, 2012). Quanto mais ricas e favoráveis forem essas experiências, maior a probabilidade de um desenvolvimento pleno. Afinal, seres humanos são, por sua natureza, seres sociais.

É por meio do processo de socialização que a criança aprende as regras básicas da sociedade, desenvolve noções de moral e constrói modos de comportamento em grupo, de acordo com a cultura em que está inserida. É no ambiente escolar ou na creche que se desenvolve o que Vygotsky (2001) denomina zona de desenvolvimento proximal, período em que as

crianças estão em contato com seus pares e com pessoas em níveis cognitivos semelhantes, o que contribui de maneira decisiva para a aprendizagem.

As relações e interações familiares e sociais – em escolas, creches, parques – são fundamentais para o pleno desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor para todas as crianças. Betzen (2012) afirma que isso pode ser observado ao longo do tempo, por meio das mudanças comportamentais, estruturais e de pensamentos, que ocorrem em função de influências biológicas, mas principalmente das vivências e interferências ambientais.

Creches e escolas não são só espaços de cuidado e conhecimento ; essas instituições também proporcionam relações de indivíduos com a mesma faixa etária e/ou faixas etárias próximas, exercitando o convívio coletivo. As crianças isoladas tendem a deixar de aprimorar, ou até de aprender, a linguagem, valores morais e até os modos de expressar seus sentimentos.

O isolamento social impõe a todos os afetados uma nova rotina. A suspensão das aulas presenciais, o impedimento de estar em contato físico com outras crianças e a falta da socialização podem acarretar uma série de disfunções, como desregulação no padrão de sono e de alimentação, além de comportamentos de estresse, ansiedade, desatenção, preocupação, agressividade e introspecção, bem como dependência excessiva dos pais (Santos e Silva, 2021).

A diversidade das crianças, especialmente na faixa etária de 0 a 4 anos, reflete uma interseccionalidade complexa, em que fatores como classe social, contexto urbano ou rural e localização periférica têm grande impacto em seu desenvolvimento, bem como no acesso a recursos e oportunidades (Cranshaw, 1991; Bronfenbrenner, 2011)

Para Bronfenbrenner (2011), fatores externos como situação familiar, alimentação e moradia podem interferir no desenvolvimento saudável da criança. Diante de um cenário pandêmico, que impacta diferentes classes sociais, percebe-se que as crianças de classes sociais mais altas, geralmente, têm acesso a recursos educacionais e de saúde mais avançados, além de um ambiente mais estimulante e seguro. Por outro lado, crianças de classes sociais mais baixas podem enfrentar desafios relacionados à pobreza, como insegurança alimentar, falta de acesso a cuidados médicos adequados e condições de habitação precárias, o que pode afetar diretamente seu desenvolvimento físico, cognitivo e emocional (Souza et al., 2019).

O ambiente em que a criança cresce também é determinante. Em áreas urbanas, as crianças podem ter acesso mais fácil a serviços educacionais, culturais e de saúde, mas também podem enfrentar desafios como violência, poluição e estresse urbano. Já em contextos rurais, embora a criança possa crescer em um ambiente mais tranquilo e em contato com a natureza,

pode enfrentar a escassez de serviços essenciais, como escolas de qualidade e cuidados médicos especializados.

A localização periférica, tanto em áreas urbanas quanto rurais, agrava as desigualdades, pois, frequentemente, as crianças nessas regiões têm acesso limitado à infraestrutura básica, como transporte público, serviços de saúde e escolas de qualidade. Isso pode resultar em maior vulnerabilidade social, afetando o acesso a oportunidades que promovem o desenvolvimento integral (Arruda; Maia; Alves, 2018).

A interseccionalidade evidencia que a realidade de uma criança não pode ser compreendida de maneira isolada, sendo necessário considerar como essas diferentes dimensões interagem para moldar a experiência e os desafios por ela enfrentados. A pandemia de COVID-19 trouxe à tona desafios significativos para o desenvolvimento infantil, especialmente para crianças na primeira infância, cujas bases para o aprendizado, a socialização e a saúde física e emocional são moldadas de forma mais intensa. Nesse contexto, as políticas públicas e os investimentos na primeira infância tornaram-se ainda mais cruciais para mitigar os impactos negativos da pandemia (UNICEF, 2020).

A política pública específica para a primeira infância vem sendo defendida e embasada por fatores neurocientíficos, considerando o cuidado integral. Desse modo, o Plano Nacional pela Primeira Infância (PNPI), que foi instituído em 2020 e aprovado pelo CONANDA (Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente), apresentou um documento político e técnico, elaborado pela RNPI (Rede Nacional Primeira Infância), orientando as decisões, investimentos e ações na promoção da política de primeira infância. Nesse sentido, é importante priorizar o fortalecimento das redes de apoio social, especialmente para as famílias mais vulneráveis, visando garantir que as crianças se desenvolvam em um ambiente seguro, afetivo e estimulante, mesmo diante da adversidade (Palmeira Sobrinho, 2024).

Observa-se a importância desse olhar voltado para a primeira infância, uma vez que, no período pandêmico, muitas crianças tiveram sua infância interrompida, sem acesso à escola e aos espaços coletivos de troca com os seus pares, sem direito de brincar e de se socializar. Estudos de revisão da literatura têm contribuído para atualizar esses efeitos, destacando sintomas de confusão mental, raiva e estresse pós-traumático (c.f. Brooks *et al.*, 2020; Ornell, Schuch, Sordi, Kessler, 2020; Linhares & Enumo, 2020).

Considerando que o público-alvo deste estudo apresenta um índice de contaminação consideravelmente menor (Barros *et al.*, 2021), se comparado com pessoas de idades mais avançadas, ele acaba sendo mais negligenciado e, por consequência, suas angústias acabam

DOI: 10.24024/23579897v34n2a2025p870103

sendo despercebidas. Vislumbramos, ainda, compreender como os pais ou responsáveis estão conduzindo a nova rotina imposta aos seus filhos e de que forma contribuíram com o entendimento sobre o que estava acontecendo e para os cuidados necessários ao melhor enfrentamento da situação.

2.1 Metodologia

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foi utilizada a abordagem qualitativa, com recorte transversal, cujos participantes foram sete responsáveis por crianças de 0 a 4 anos de idade no estado de Pernambuco.

Conforme indicação na Tabela 1, é possível observar o breve perfil das crianças sobre as quais os responsáveis responderam à pesquisa, diferenciando-as por gênero, idade aproximada e condição de matrícula ou não em escola ou creche no contexto da pandemia de COVID-19. Para o procedimento de diferenciação e análise, fez-se necessária a atribuição de nomes fictícios às crianças mencionadas.

Tabela 1: Perfil dos participantes

NOME	IDADE	GÊNERO	MATRICULADO EM CRECHE/ESCOLA
Vitória	0-1	Feminino	Não
Helena	1-2	Feminino	Não
Pedro	1-2	Masculino	Sim
Mallany	2-3	Feminino	Não
Guilherme	2-3	Masculino	Sim
Gabriela	3-4	Feminino	Sim
Rafael	3-4	Masculino	Sim

Fonte: os autores

A pesquisa foi realizada no ciberespaço e, como estratégia de acesso aos dados, foi aplicado um questionário elaborado e disponibilizado por meio do *Google Forms*, contendo vinte e uma perguntas que abordavam as repercussões do distanciamento social, em virtude da pandemia, na vida das crianças, considerando elementos indicadores de ansiedade, agressividade, alterações no padrão de sono, alimentação e mudanças de comportamento.

A coleta foi iniciada após a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRPE, com Parecer Consubstanciado nº 5.485.504 e registrado sob CAAE 58724922.7.0000.9547. Os

dados coletados foram organizados a partir da análise de conteúdo temática e, em seguida, discutidos tomando por base as teorias relativas ao desenvolvimento infantil, bem como pesquisas mais recentes que entrelaçam os temas COVID-19, primeira infância e Psicologia.

O critério de seleção proposto inicialmente baseou-se na consideração das oito primeiras respostas completas enviadas, excluindo, assim, aquelas que apresentassem itens em branco (não respondidos). Em virtude desse critério, apenas sete respostas foram consideradas válidas, visto que apenas sete participantes responderam todos os itens solicitados.

As pessoas participantes que responderam à pesquisa atenderam ao critério de serem cuidadores diretos das crianças sobre as quais articularam suas respostas, no entanto, as condições socioeconômicas e as diferenças de gênero não se apresentaram como critérios na pesquisa.

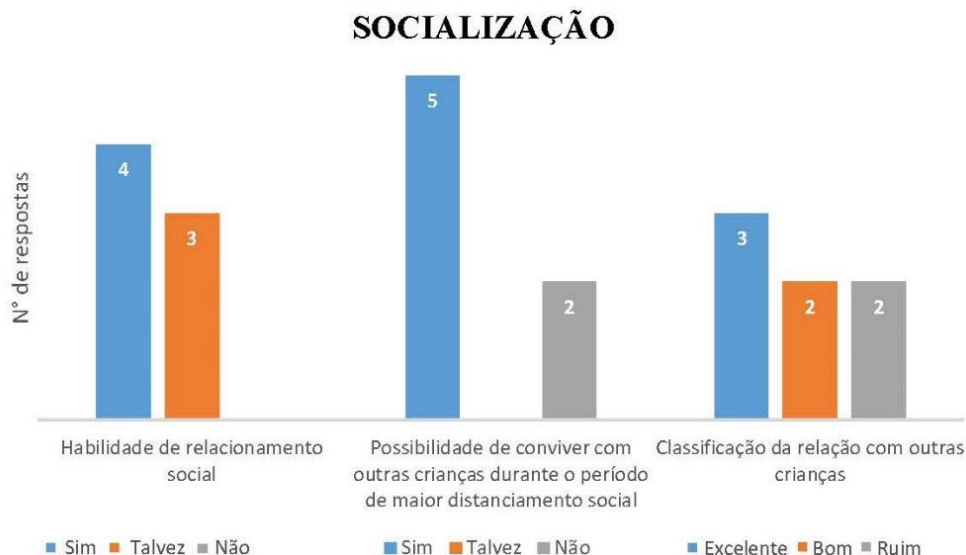
2.2 Resultados e Discussões

O desenvolvimento infantil envolve a aquisição de experiências em que as crianças alcançam e refinam várias habilidades nos contextos cognitivo, motor, emocional e social; é uma “mudança ao longo do tempo – na estrutura, no pensamento ou no comportamento de um indivíduo que se instala a partir de influências biológicas e ambientais” (Betzen, 2012. p. 24). Quanto mais convenientes e favoráveis forem as experiências, maior a probabilidade de um desenvolvimento pleno. Os seres humanos são seres sociais.

A socialização infantil é necessária ao desenvolvimento da criança nos aspectos que envolvem os sentimentos, as posturas e os desempenhos. Essa interação faz parte da constituição do indivíduo, sendo uma importante fonte de aprendizagem e desenvolvimento intelectual (Vygotsky, 2010).

De acordo com o Gráfico 1, percebe-se o quanto a pandemia afetou a saúde mental das crianças, sendo necessária atenção especial, considerando o impacto nas relações de socialização decorrentes do distanciamento e isolamento. A falta de frequência em ambientes com agentes socializadores é motivo de preocupação, considerando que são determinantes fortalecedores de base na construção da identidade e na formação social da criança.

Gráfico 1: Socialização



Fonte: Os autores

As sequelas do isolamento refletem de diretamente no estado emocional das crianças. A súbita mudança motivada pelo retraimento social influencia nos sentimentos, trazendo incertezas, medos e aflição, colaborando para aparecimento e aumento de casos de natureza psicológica – transtornos de humor, estresse excessivo, insônia, ansiedade patológica, irritabilidade, medo.

O fechamento das escolas, mudanças nos hábitos alimentares e de sono, bem como o isolamento social, levaram à ruptura na rotina das crianças, provocando aumento da obesidade, ansiedade, depressão infantil, aumento da agressividade, entre outros (Ghosh R., *et al.*, 2020).

As crianças foram privadas da necessária socialização com seus pares, na qual ocorrem aprendizados significativos para o desenvolvimento humano.

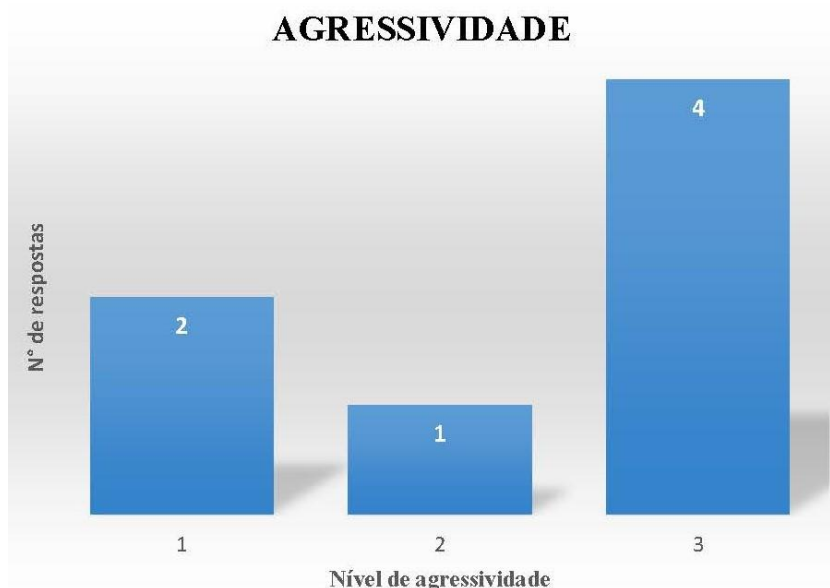
Para Linhares e Enumo (2020), o compartilhamento de experiências lúdicas provoca interações proximais face a face, estimulando a convivência e a cooperação. Nesses espaços, as crianças aprendem a lidar com as diferenças e adquirem a capacidade de compartilhar decisões, enfrentando desafios e desenvolvendo habilidades de negociação de seus conflitos. Na relação social, a criança aprende a esperar a sua vez, exercitando controle de seus impulsos. O período pandêmico apresentou grandes limitações nos espaços de educação infantil, que não puderam ser realizados à distância, o que ocasionou privação à criança quanto à sua socialização

DOI: 10.24024/23579897v34n2a2025p870103

secundária, momento em que ela sai de sua primeira socialização – no núcleo familiar – e passa a se relacionar com os seus pares.

Acerca dos níveis de agressividade, os responsáveis pelas crianças relataram mudanças sutis. Considerando o Gráfico 2, observa-se que o grau de alteração chegou ao nível três, em uma escala de um a cinco, que, na pesquisa de campo, vai do menos agressivo ao mais agressivo, respectivamente.

Gráfico 2: Agressividade



Fonte: os autores

As crianças podem vivenciar sensações de medo, regressão e sofrimento psicológico em decorrência da observação das alterações comportamentais dos responsáveis diante dos eventos diários. Um dos sintomas característicos do estresse infantil, que pode se desenvolver em qualquer fase do desenvolvimento, é a irritabilidade (Pacífico, Facchin e Santos, 2017), na grande maioria dos casos relacionada ao estresse vivenciado pelos pais ou a grandes mudanças na rotina. Segundo Vygotsky:

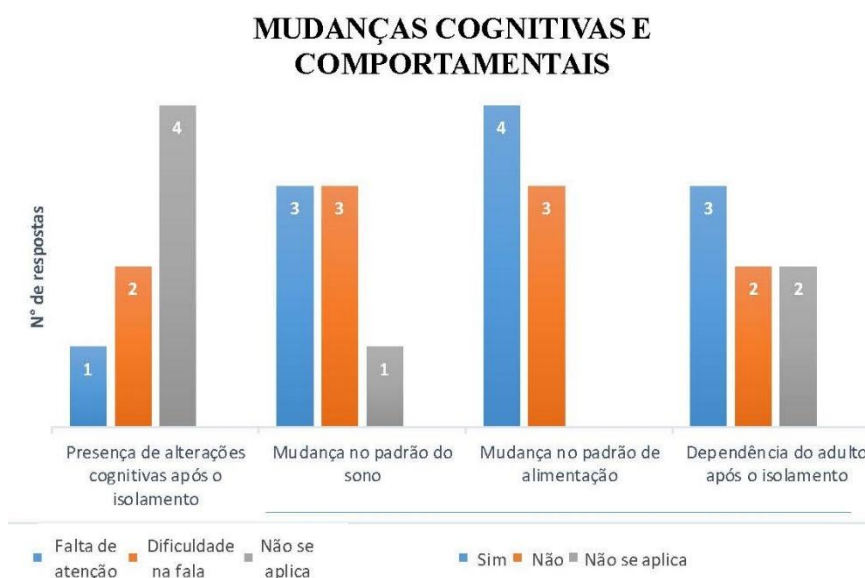
As crianças podem imitar uma variedade de ações que vão muito além dos limites de suas próprias capacidades. Numa atividade coletiva ou sob a orientação de adultos, usando a imitação, as crianças são capazes de fazer muito mais coisas. Esse fato, que parece ter pouco significado em si mesmo, é de fundamental importância na medida em que demanda uma alteração

DOI: 10.24024/23579897v34n2a2025p870103

radical de toda a doutrina que trata da relação entre aprendizado e desenvolvimento em crianças (2007, p. 101).

Como apresentado no gráfico abaixo, é possível observar que, dentre as alterações cognitivas observadas pelos cuidadores após o início do isolamento na pandemia de COVID-19, a falta de atenção e a dificuldade na fala se mostraram presentes. Vygotsky propunha que a interação verbal é uma ferramenta cognitiva essencial para o crescimento intelectual. O sujeito não é apenas ativo, mas também interativo, adquirindo conhecimentos a partir das relações com o outro, sendo na troca que o conhecimento e as funções sociais são assimiladas (Vygotsky, 2007).

Gráfico 3: Mudanças cognitivas e comportamentais



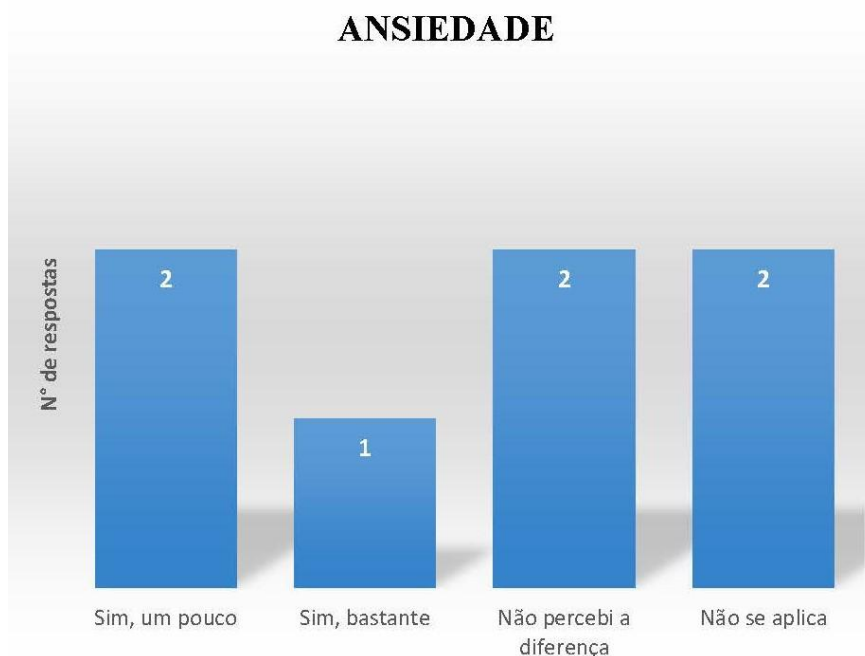
Fonte: os autores

O isolamento social apresenta a todos os afetados uma nova rotina. Conforme aponta Bezerra et al. (2020), o impedimento de estar em contato físico, tanto para crianças quanto para adultos, e a falta da socialização podem acarretar uma série de disfunções, como desregulação no padrão de sono, alimentação além de comportamentos de estresse, ansiedade, falta de atenção, preocupação, agressividade e introspecção e, no caso das crianças, maior dependência dos responsáveis, conforme observado em 71,43% dos entrevistados. O comportamento agressivo e as dificuldades para interagir e dormir também se mostraram frequentes na pesquisa de campo realizada.

DOI: 10.24024/23579897v34n2a2025p870103

Foi possível verificar uma mudança no padrão de sono em aproximadamente 85% das respostas analisadas e em 100% no padrão de alimentação. O comportamento alimentar pode ser consideravelmente afetado pelas emoções –considerando o contexto de pandemia, os dados obtidos e os comportamentos apresentados – visto que as escolhas alimentares, a quantidade e a frequência das refeições podem ser diretamente influenciadas por elas, e não apenas pela necessidade fisiológica (Souza, *et al.*, 2019) como estratégia, por exemplo, compensatória.

Gráfico 4: Ansiedade



Fonte: os autores

Foi possível notar, nas respostas apresentadas pelos familiares responsáveis acerca da percepção de comportamentos que pudessem ser associados à ansiedade nas crianças sob seus cuidados, que, de modo geral, a ansiedade não foi identificada como um fator de destaque no comportamento das crianças com idade inferior a três anos. Nesse sentido, observa-se, conforme pesquisa realizada com professores que apresentaram suas percepções sobre a expressão de ansiedade em crianças a partir de oito anos de idade (cf. Fernandes, 2023), que, em crianças mais velhas, os comportamentos ansiosos tendem a tornar-se mais expressivos.

De acordo com Paul B. Baltes (apud Papalia, 2013), o desenvolvimento é um processo que dura a vida inteira. Cada ser humano é afetado de modo multidirecional e multidimensional por acontecimentos presentes e concernentes à história social e singular. Não obstante, as diversas etapas da vida apresentam características diferentes entre si, assim como diferentes modos e possibilidades de expressar incômodos, desconfortos e inquietações.

Ainda no que se refere ao Gráfico 4, é possível discutir a relevância que a presença de adultos significativos representa para crianças pequenas, como destaca Winnicott (1975), ao apontar que, quanto menor e mais imatura a criança, mais necessária será a presença de um adulto que lhe forneça apoio, segurança e sustentação em sua imaturidade primordial. Desse modo, torna-se possível levantar a hipótese de que, crianças que vivenciaram o início da primeira infância durante a pandemia de COVID-19 puderam experimentar uma intensa aproximação e presença dos pais e/ou responsáveis, o que, de certo modo, pode ter representado maior conforto e proximidade física e afetiva.

Destarte, compreendendo a individualidade do processo de desenvolvimento infantil e que ele deve ser respeitado e vivenciado dessa maneira, observou-se que, em decorrência da COVID-19, muitas crianças tiveram parte desse processo prejudicado por conta do distanciamento social, conforme Da-Mata *et al.* (2020). Apenas um dos entrevistados procurou ajuda profissional para intervir nesses casos.

Ao serem questionados sobre os impactos que a pandemia poderia deixar nas crianças, o uso excessivo de telas e a dificuldade na relação com outras crianças foram as queixas mais frequentes. A sensação de que a criança só estar segura mantendo o distanciamento social e as medidas de higiene também apareceu como relato de um dos cuidadores entrevistados.

Quatro dos entrevistados consideraram que explicaram satisfatoriamente às crianças o que era a pandemia e quais cuidados deveriam ser tomados como precaução ao enfrentamento. Ao serem questionados sobre parentes próximos terem contraído a COVID-19, todas as respostas válidas foram afirmativas.

3 Considerações Finais

É possível constatar que as consequências do isolamento social entre as crianças afetaram seu desenvolvimento de forma significativa, trazendo impactos negativos na socialização, aumento no nível de agressividade, mudança nos padrões de ansiedade e nas alterações cognitivas e comportamentais, avaliados através do olhar dos responsáveis entrevistados. De

DOI: 10.24024/23579897v34n2a2025p870103

acordo com os resultados da pesquisa, avalia-se que a mudança da rotina trouxe impactos ainda maiores nos padrões de sono e alimentação, com taxas de 85% e 100%, respectivamente.

Todavia, cabe salientar que, em determinadas famílias, houve um equilíbrio quanto à percepção sobre a pandemia ter sido positiva ou negativa em suas respectivas rotinas. Uma parte dos entrevistados apontou que o tempo que passaram juntos, em geral, foi positivo, pois a demanda de trabalho e rotina não permitia que os pais passassem muito tempo com seus filhos, trazendo, então, uma percepção de tempo de qualidade dos adultos com a criança.

Em contrapartida, apontaram de forma categórica as consequências negativas, tendo como exemplo os efeitos da dependência das crianças em relação a aparelhos eletrônicos, estresse, dificuldades no sono, dificuldades de desenvolvimento motor, psicológico e social, de relação com outras crianças e com adultos, e agressividade. Observa-se, ainda, uma maior dependência das crianças em relação aos seus responsáveis, em cerca de 71,43% dos entrevistados.

Mesmo com poucos estudos na área, observa-se a diversidade de sintomas psicopatológicos que estão sendo desencadeados e afetando negativamente no comportamento das crianças – a impossibilidade de, em grande parte do território, frequentar as escolas, parques e creches, de estar em contato com outras crianças da mesma idade. Serão necessários estudos mais aprofundados e detalhados para mensurar a extensão dos sintomas e se seus efeitos permanecerão com o passar do tempo ou se tendem a se diluir conforme a normalização da rotina.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, N. M.; MAIA, A. G.; ALVES, L. C. Desigualdade no acesso à saúde entre as áreas urbanas e rurais do Brasil: uma decomposição de fatores entre 1998 a 2008. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 6, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2018000605003&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 12 fev. 2025.

BARROS, I. F.; REGES, K. W. P.; SANTOS, M. F. R. dos; ROSENO, D. A. Panorama da situação pandêmica da covid-19 que aflige principalmente idosos em um estado do Nordeste brasileiro. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ENVELHECIMENTO HUMANO, 7., 2021, Campina Grande. **Anais** [...] Campina Grande, 2021. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cieh/2020/TRABALHO_EV136_MD1_SA_I D1484_21082020092310.pdf. Acesso em: 14 ago. 2022.

BETZEN, W. R. **Guia para observação e registro do comportamento infantil**. 6. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

DOI: 10.24024/23579897v34n2a2025p870103

BEZERRA, A. C. V.; SILVA, C. E. M. da; SOARES, F. R. G.; SILVA, J. A. M. da. Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, p. 2411-2421, 2020.

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. Tradução Sérgio L. S. de Carvalho. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BOWLBY, J. **Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília, DF: Presidência da República, 1990.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

BRONFENBRENNER, U. **Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BROOKS, S. K.; WEBSTER, R. K.; SMITH, L. E.; WOODLAND, L.; WESSELY, S.; GREENBERG, N.; RUBIN, G. J. The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. **The Lancet**, London, v. 395, p. 912-920, 2020. DOI: 10.1016/S0140-6736(20)30460-8.

CRANSHAW, K. Mapping the Margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color. **Stanford law review**, Stanford, v. 43, n. 6, p. 1241-1299, 1991.

DA-MATA, I. R. S.; DIAS, L. S. C.; SALDANHA, C. T.; PICANÇO, M. R. de A. **As implicações da pandemia da COVID-19 na saúde mental e no comportamento das crianças**. [S.l.:s.n.], 2020. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/residenciapediatrica.com.br/pdf/pprint377.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2022.

DAVIS, M.; WALLBRIDGE, D. **Limite e espaço: uma introdução à obra de D.W. Winnicott**. Rio de Janeiro: Imago, 1982.

FERNANDES, A. D. S. A. et al. A saúde mental das crianças durante a pandemia da COVID-19: uma perspectiva de professores de uma unidade de educação infantil. **Cadernos brasileiros de terapia ocupacional**, São Carlos, v. 31, 2023.

FONSECA, F. L.; MARTINS, L. P. L. A agressividade infantil no DSM: os diagnósticos e os seus efeitos subjetivos. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 26, 2023.

GHOSH R., DUBEY M.J., CHATTERJEE S., DUBEY S. Impact of COVID-19 on children: special focus on the psychosocial aspect. **Minerva Pediatrics**, Turim, 2020. Disponível em: <https://www.minervamedica.it/en/journals/minerva-pediatrics/article.php?cod=R15Y2020N03A0226>. Acesso em: 1 nov. 2022

GOVERNO DO BRASIL. **OMS classifica coronavírus como pandemia**. Brasília, DF: OMS, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/03/oms-classifica-coronavirus-como-pandemia#:~:text=A%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20Mundial%20da%20Sa%C3%BAde,foram%20infectadas%20em%2011%20pa%C3%ADses>. Acesso em: 1 out. 2022.

DOI: 10.24024/23579897v34n2a2025p870103

IMRAN, N.; ZESHAN, M.; PERVAIZ, Z. Mental health considerations for children & adolescents in COVID-19 Pandemic. **Pakistan Journal of Medical Sciences**, Karachi, v. 36, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.12669/pjms.36.COVID19-S4.2759>. Acesso em: 18 ago. 2022.

LINHARES, M. B. M., ENUMO, S. R. F. Reflexões baseadas na Psicologia sobre efeitos da pandemia COVID-19 no desenvolvimento infantil. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v.37, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200089>. Acesso em: 28 set. 2022.

MANUAL diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-IV. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

NEWCOMBE, N. A criança de 2 e 3 anos. *In*: HETHERINGTON, E. M.; PARKER, R. (org.). **Desenvolvimento infantil**: abordagem de Mussen. 8. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Origins of the SARS-CoV-2 virus**. Geneva: WHO, 2021. Disponível em: <https://www.who.int/health-topics/coronavirus/origins>. Acesso em: 12 set. 2022.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. **Manual Para Vigilância do Desenvolvimento Infantil no Contexto da AIDPI**. Washington, 2005.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). **Manual para vigilância do desenvolvimento infantil no contexto da AIDPI**. Washington, D.C.: OPAS, 2005.

ORNELL, F.; SCHUCH, J. B.; SORDI, A. O.; KESSLER, F. H. P. “Pandemic fear” and COVID-19: mental health burden and strategies. **Brazilian Journal of Psychiatry**, São Paulo, v. 42, n. 3, p. 232-235, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1516-4446-2020-0011>.

PACÍFICO, M.; FACCHIN, M. M. P.; SANTOS, F. de F. F. C. Crianças também se estressam? A influência do estresse no desenvolvimento infantil. **Temas em Educação e Saúde**, Araraquara, v. 13, n. 1, p. 107–123, 2017. DOI: 10.26673/rtes.v13.n1.jan-jun2017.8.10218. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/tes/article/view/10218>. Acesso em: 30 out. 2022.

PALMEIRA SOBRINHO, Z. A política de promoção da primeira infância, sob a perspectiva neoliberal, e o seu impacto sobre o trabalho infantil. **Serviço Social & Sociedade**, [s. l.] , v. 147, n. 2, 2024.

PAPALIA, D. E., FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. 12.ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

SANTOS, A. D. dos; SILVA, J. K. da. The impact of social isolation on child cognitive and behavioral development. **Research, Society and Development**, [s.l.], v. 10, n. 9, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i9.18218. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/18218>. Acesso em: 21 set. 2021.

SOUZA, L. B. de; PANÚNCIO-PINTO, M. P.; FIORATI, R. C. Crianças e adolescentes em vulnerabilidade social: bem-estar, saúde mental e participação em educação. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, São Carlos, v. 27, n. 2, p. 251–269, 2019.

UNICEF. **A crise da COVID-19 e a primeira infância**: impactos e medidas necessárias para garantir a proteção e o desenvolvimento das crianças. Nova York: UNICEF, 2020.

DOI: 10.24024/23579897v34n2a2025p870103

VYGOTSKY, L. S. **A construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda, 2001.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 2007.

VYGOTSKY, L.S.; LIRIA, A.R.; LEONTIEV, A N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 11. ed. São Paulo: Ícone, 2010.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.